



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

LEITURA NA SALA DE AULA: FORMANDO LEITORES CRÍTICOS

BARBOSA, Jailma do Ramo

Universidade Estadual da Paraíba

(jailmabarbosa_20@hotmail.com)

ROCHA, Maria Eduarda Rodrigues Moura da

Universidade Estadual da Paraíba

(eduarda_rmr@hotmail.com)

Resumo

A escola é um espaço de construção do conhecimento em diferentes níveis, dentro desse contexto escolar incluimos o ensino de leitura, esta, pois, enquanto atividade discursiva e prática sociocultural tornam-se imprescindível para a construção crítica e reflexiva dos alunos. Assim sendo o nosso trabalho tem como objetivo geral discutir as práticas de ensino de leitura para a formação de leitores críticos, bem como específicos refletir sobre a influência dos gêneros discursivos, crônica, tira e charges para essa formação. Mediante aos objetivos propostos, utilizamos uma pesquisa descritivo-analítica, de caráter qualitativo. Na qual enfocamos algumas discussões para o melhoramento das aulas de leituras sugerindo estratégias e temas para a abordagem em sala de aula. Para tanto o nosso trabalho tem como aporte teórico os autores: Solé (1998), Lira (2006), Motta (2009) Maia (2005), e os documentos oficiais PCN (1998), OCEM (2008) entre outros que nos ajudam a compreender a importância da leitura na formação dos discentes.

Palavras-chave: Leitura crítica, Ensino de língua, Formação de leitor.

1 INTRODUÇÃO

A leitura é imprescindível para a formação do indivíduo, pois o ato de ler liberta e dá poder, torna crítico e consciente, além de inserir em práticas discursivas e sociais,





entretanto cabe à escola ensinar o hábito da leitura aos discentes, estimulando-os a inserir-se dentro do contexto da leitura.

Diante do exposto partimos da seguinte problemática: como estimular a leitura em sala de aula para a formação de leitores e que estratégias utilizar dentro do contexto escolar? Para responder a essa problemática temos por objetivo geral discutir as práticas de ensino de leitura para a formação de leitores críticos, bem como específicos, refletir sobre a influência dos gêneros discursivos, crônica, tira e charges para essa formação.

Mediante os objetivos propostos fizemos uma pesquisa descritiva- analítica de caráter qualitativo, com embasamento teórico nos documentos oficiais PCN (1998), OCEM (2008) e dos autores Solé (1998), Lira (2006), Motta (2009) Maia (2005) entre outros, os quais corroboram para um ensino de leitura sociointeracionista e proficiente.

1.1 METODOLOGIA

Para ao desenvolvimento desse trabalho utilizamos uma pesquisa descritivo-analítica, de caráter qualitativo que segundo Moreira & Caleffe (2008, p.70), “baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhoradas por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e da descrição”. Assim, constitui-se numa pesquisa de caráter qualitativo por explicitar as características do objeto em estudo, que inclui consulta bibliográfica para citar as opiniões expressas por alguns autores acerca do tema em questão. Já no que se refere ao tipo de pesquisa descritivo-analítica, pretendemos notadamente analisar a questão da leitura associada aos gêneros discursivos crônica, tira e charges para essa formação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 LEITURA NA SALA DE AULA: UMA QUESTÃO A SER REPENSADA



A leitura na sala de aula é um espaço desprivilegiado em algumas escolas, e em outras um desafio, o ensino de leitura exige muito do professor, ele deve selecionar os textos, elaborar estratégias e incentivar os alunos.

Ensinar leitura é algo difícil, pois ela não é mera decodificação, é um conjunto entre o implícito e o explícito, entre o contexto e as práticas discursivas. Assim Solé (1998, p.52) pontua que, “ler não é decodificar, mas é preciso saber decodificar, aprender a decodificar pressupõe aprender as correspondências que existem entre sons da linguagem e os signos ou os conjuntos de signos”. Desse modo é necessário que o professor ensine a decodificar, mas também mostre outras estratégias para uma boa compreensão, pois “o que o leitor vê no texto vai depender do seu nível de competência” (LIRA, 2006, p.49).

Segundo a OCEM (BRASIL, 2006, p.28), “as práticas de leitura e escrita na escola devem voltar-se a para a realidade do aluno assim como também promover aos mesmos a inserção efetiva nas novas esferas sociais, as quais irão enfrentar no decorrer de sua vida social”. Assim podemos dizer que os textos para destacar ou ampliar o nível de letramento dos alunos devem ser selecionados após um conhecimento dos níveis dos discentes e não antes de conhecê-los, por isso há a necessidade da continuidade dos gêneros e assuntos trabalhados.

Sabemos que para compreender bem um texto o leitor deve ter conhecimentos prévios de mundo ou enciclopédico, ou seja, ao lermos um texto utilizamos estratégias de leituras, “que podem ser questionamentos, elaboração de hipóteses” (PIETRI, 2007, p.52), para que o leitor use esses mecanismos é necessário que tenha esses conhecimentos prévios para recorrê-los. Um dos conhecimentos prévios que são ativados pelos leitores são os conhecimentos linguísticos, não se pode compreender um texto em que não se sabe o significado de determinada palavra por exemplo.

Cafiero (2010) concorda com a ideia de Pietri que o leitor utiliza-se de estratégias para compreender o texto, porém ele aponta que ler é mais do que ter



conhecimentos linguísticos de significados de palavras, pois, ler é mais que decodificar as palavras, ler para ele é atribuir sentido.

Reforçando a ideia supracitada, Naspolini (2009, p.18) corrobora que “o ato de ler ultrapassa o procedimento de decodificar símbolos, compreender o que se lê depende de características do leitor, ele em sua totalidade interfere na compreensão da leitura”. Dessa forma os conhecimentos que o leitor possui podem facilitar ou atrapalhar a compreensão de um texto. A autora reforça ainda que ler é inferir o que está nas entrelinhas é contextualizar (p.25).

Desse modo, a leitura inferencial é necessária para a formação de leitores críticos e conscientes, pois é uma estratégia de leitura que pode ser explorada e aprimorada na sala de aula como o incentivo e a participação do aluno enquanto leitor na aula. Incluindo o trabalho com as tiras e charges, o professor pode dar uma sequência de tiras para os alunos e em seguida intercalar com as implicações dos discentes sobre o texto, levando-os a elaboração de hipóteses a partir dos seus conhecimentos sobre o assunto, e assim lançando outras estratégias que colaborem para formação de leitores conscientes.

Ao propor uma aula de leitura ou o ensino de leitura “o educador deve ter consciência de que a leitura deve significar uma possibilidade real de inserção dos alunos no mundo da informação e conseqüentemente conhecimentos para um efetivo exercício de cidadania” (MOTTA, 2009, p.70). Dessa forma nós como professores de português devemos ter em mente que essa forma de ver a leitura envolve a concepção de linguagem como forma de interação com o outro e com o mundo. Sendo assim, os textos a serem trabalhados devem pertencer ao universo social dos alunos, dentro e fora do contexto escolar.

3 LEITURA, GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUA NA FORMAÇÃO DO JOVEM LEITOR



O ensino com gêneros textuais se faz necessário na sala de aula, pois estão presentes nas mais variadas esferas da sociedade, e conseqüentemente os alunos estão em contato com eles, seja por meio da internet, ou por meio da mídia impressa. Além de que as formas como nos comunicamos com o mundo são sempre através de um texto, seja ele verbal ou não, assim nota-se a importância de trabalhar os diversos gêneros textuais em sala, pois dessa forma estamos preparando os nossos alunos para vida. De acordo com OCEM (2008) o objetivo do ensino de língua é a consolidação dos conhecimentos do aluno para agir em práticas letradas, o que inclui os diversos gêneros textuais e os diferentes meios que estes circulam.

A leitura em sala de aula ainda é uma prática não valorizada tanto para alguns professores quanto para os alunos, pois na maioria das escolas, ela é utilizada como um mero exercício gramatical em que são retirados pequenos fragmentos de algum gênero que muitas vezes o educador nem comenta em sala de aula que gênero está sendo lido. Este é um dos grandes problemas da educação, pois como educadores sabemos que trabalhar a leitura de gêneros textuais diversos, estamos contribuindo para a formação de leitores, visto que são temas variados e podem agradar a todos os gostos.

Assim, a leitura no espaço escolar proporciona discussão em grupo que gera diferentes interpretações, o que ajuda no crescimento e amadurecimento de cada um como leitor. Como nos lembra OCEM (2008) a leitura é um evento de interação entre o aluno e os autores lidos, os discursos e as vozes dentro dessa situação de comunicação que promovem múltiplas leituras e a construção de vários sentidos.

Sendo assim, o ensino de gêneros textuais deve ser trabalhado em conjunto com a produção de textos, leitura e análise linguística, pois a leitura também proporciona conhecimentos linguísticos e gramaticais, visto que quanto mais lemos maior noção de vocabulário e de estrutura de texto temos, pois aprendemos a escrever e ler (atribuir sentido e não mera decodificação) em contato com os textos.

A formação de leitores está diretamente ligada à forma como a escola trabalha com esse tema, pois o interesse pela leitura deve ser estimulado desde as séries iniciais, com



textos curtos, engraçados e com imagens expressivas para que os alunos se acostumem com esse contato direto com o texto. Dentre os fatores que contribuem para aquisição da leitura está a motivação e o prazer de ler, como mencionamos anteriormente o trabalho com diversos gêneros textuais, facilita essa motivação dependendo dos textos que serão selecionados. Assim, é necessário que o professor invista em vários temas, como também em gêneros como charges, contos, crônicas, e notícias, visto que de acordo com a faixa etária dos alunos os interesses de leitura são diferentes, pois se o aluno ler os textos apenas para cumprir com as fichas de leituras, ele provavelmente não se tornará um leitor ativo, porque não tinha o prazer em ler, o fazia para exercer a sua tarefa de aluno, ou seja, é necessário que os alunos gostem das leituras para aos poucos adquirirem o hábito de ler não só escolar, mas também na vida.

Segundo Rossi (2005) os gêneros que exercem maior influência para o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual é o discursivo, pois este representa o funcionamento da linguagem em situação de comunicação e com certo nível de conhecimento sobre esse gênero, o leitor pode fazer uma série de inferências ao produzir seu texto como escolha de vocabulário, o uso de recursos linguísticos e não-linguísticos.

Dessa forma, ao trabalhar com os gêneros discursivos fazemos com que o aluno perceba a sua função dentro da sociedade e no seu crescimento como conhecedor da língua, é possível que este se interesse cada vez mais por esse tipo de leitura, pois irá compreender que à medida que vai lendo estará adquirindo mecanismos para melhor se expressar e atuar no meio social em que vive, e dessa maneira passa a ser um leitor assíduo, mas isto depende muito da forma como são abordados esses gêneros dentro da sala de aula, ou seja, para que isso aconteça é necessário que o professor trabalhe a funcionalidade de cada texto.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS



4.1 ALGUMAS ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PARA UM ENSINO DE LEITURA PROFICIENTE

A leitura é uma prática social necessária tanto para o projeto educacional como para a formação individual dos discentes, por conseguinte ela deve ser considerada como meio de representação social, histórica e política. Assim, o ato de ler atrelado a esses fatores resulta em compreender o ser e o estar no mundo.

Para formar esse leitor que se reconhece no mundo, o professor deve elaborar estratégias e práticas que atraiam a atenção destes para o texto, no entanto para que isso aconteça, o docente precisa ser um bom leitor capaz de relacionar-se com o texto, refletindo e interagindo sobre e com ele, “a familiaridade com uma variedade de textos a maturidade enquanto leitor os significados já construídos, a própria história de leitura constituem condições primordiais para o seu desempenho de mediador da relação de diálogos entre leitor-texto” (MAIA, 2005, p.37).

O ato de leitura pressupõe níveis de leituras e estratégias para uma boa compreensão do texto, o professor deve por em prática essas estratégias e levar em consideração os níveis de cada aluno, mas que estratégias utilizar na sala de aula para uma melhor apreensão do texto? “As estratégias que vamos ensinar devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral da leitura e sua própria localização-motivação, disponibilidade - diante dela; facilitarão a comprovação ,a revisão ,o controle do que se lê e a tomada de decisões adequadas em função dos objetivos perseguidos” (SOLÉ, 1998, p.73).

A autora ainda cita algumas estratégias que devem ser implementadas nas aulas de leitura. São elas: “compreender os propósitos implícitos e explícitos” esta estratégia pode ser bem exercitada com os gêneros tiras e charges visto que estes trazem implícitos e explícitos, “Ativar e apontar a leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão” para a utilização dessas estratégias podemos colocar textos do cotidiano do aluno com temas que estejam em evidência. Entre outras estratégias, além



delas é necessário estabelecer objetivos para a leitura em sala de aula, os objetivos são formas de atrair e envolver o aluno no mundo da leitura.

4.2 A INFLUÊNCIA DOS GÊNEROS: CRÔNICA, TIRA E CHARGES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR

As tiras utilizam-se de vários recursos. Deste modo, todos eles contribuem para a produção de sentidos. É imprescindível que estes sejam tratados em sala de aula, pois, segundo Andrade (2009, p. 57), “a forma da letra utilizada pelo autor também agrega sentido ao texto, é mais um recurso semiótico. O texto nos balões, além do significado das palavras, também transmite outras mensagens de acordo com o tipo da letra utilizado para sua composição”. Partindo dessa afirmativa, podemos também pontuar que as expressões faciais dos personagens devem ser bem exploradas no âmbito deste gênero multimodal.

Sabendo que a leitura das imagens é importante, faz-se urgente um letramento visual, pois esta modalidade de leitura na escola é ainda uma prática desfavorecida, apesar de sua recorrência no convívio social dos alunos, fazendo-se presente, por exemplo, em anúncios publicitários, jogos e na internet. A escola não tem concedido a devida importância ao gênero, bem como às suas possibilidades. Segundo os PCN (BRASIL, 1998, p. 61), “o estudo das visualidades deve ser integrado aos projetos educacionais, uma vez que tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade e seus conceitos e se posicione criticamente”.

A charge assim como a tira é um gênero de texto que atrai o leitor por apresentar aspectos diversos do uso da língua, contemplando a linguagem verbal e não verbal, bem como a construção de sentidos.

Segundo Garcia (2005, p. 02)

o uso da língua consiste em significar a relação que se estabelece entre os indivíduos participantes do ato discursivo, utilizando a linguagem



verbal e não verbal e construindo sua relação de construção do sentido através dos consensos explícitos, implícitos e pressupostos.

Além de agregar todas essas formas de utilização da língua, a charge ainda possui o acréscimo de imagens, as quais que dinamizam o processo de compreensão do texto escrito. Ademais, “é um gênero de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor” (ROMUALDO, 2000, p.05). Desta feita, trata-se de um gênero textual que deve ser inserido nas aulas de português, pois confere abertura para desenvolver o senso crítico e interpretativo dos alunos sobre as questões políticas, sociais e econômicas do nosso país.

A crônica é um texto curto no qual traz uma reflexão ou crítica, sobre alguns temas do cotidiano e da atualidade através da linguagem simples. “A crônica é um gênero de autonomia estética que abriga as várias manifestações da linguagem, cuja característica principal é reescrever os acontecimentos cotidianos de forma que os seus significados não sejam impostos ao leitor” (PEREIRA, 2004, p. 164). Ela pode ainda ser considerada como um gênero híbrido uma vez que traz a mistura do jornalístico e literário.

De acordo com Francischini (2008, p.12) a crônica “dependendo do texto, do estilo e do objetivo, o cronista pode utilizar uma linguagem mais formal, ou então utilizar uma linguagem mais coloquial, dialogal. Alguns cronistas possuem um estilo próprio muito forte e bastante marcado no texto”.

Outrossim estes gêneros exercem grande influência na formação leitora, bem como contribuem para uma leitura mais proficiente, visto que ,como já citamos estimula o senso crítico dos alunos e ativa os seus conhecimentos prévios para se compreender o texto.

5 CONSIDERAÇÕES



A leitura na sala de aula é imprescindível para a formação de cidadãos conscientes, diante disto deve ser abordado de forma sociointeracionista através de diversos gêneros textuais, que possibilitem a interação dos discentes.

Desse modo, para formar leitores a escola deve priorizar as práticas sócio-discursivas dos alunos, o professor deve ter em mente que um texto lido por ele a três ou quatro anos atrás pode não interessar a uma turma de adolescentes em idade escolar, para formar leitores os docentes devem está em contato com temas atuais e atrativos ao grupo social dos alunos, pois existem infinitudes de gêneros que trabalham a atualidade.

Diante do exposto, podemos afirmar que para a formação de leitores críticos os gêneros devem tratar de temas que estejam dentro do contexto sociocultural dos discentes, para tanto os gêneros que mais se aproximam dessa realidade são os discursivos como crônica, charge, tirinhas e notícias, pois retratam fatos do cotidiano e possibilitam posicionamento dos discentes. Dessa forma, podemos concluir que estes gêneros contribuem para a formação de leitor proficiente e deve ser utilizados na sala de aula.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Para Ensino Médio:** Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Brasília. MEC.2008

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília/DF: Ministério da Educação e Cultura / Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CAFIERO, Delaine. **Letramento e leitura:** formando leitores críticos. in: In: ROJO. Roxane (Org.). **Explorando o ensino:** Língua Portuguesa. Brasília/DF: PDE, 2010.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CHAGAS, Michele Aparecida. **Charges sob a ótica da semântica e da pragmática.** 2012. Disponível em: www.cdn.ueg.br/MONOGRAFIA_MICHELE_APARECIDA_CHAGAS. Acesso em: 21 jul. 2014.

FRANCISCHINI, Juliana Bernardini. **A crônica jornalística em uma perspectiva sócio-retórica: organização textual e processo de produção.** 2008. Anais do CELSUL. www.celsul.org.br/Encontros/08/cronica_jornalistica.pdf disponível em 08/10/2014.

GARCIA, Nilce Helena da Mota. **Para além das palavras: charges, tiras e quadrinhos.** 2005. Disponível em: www.allb.com.br/anais16/sem03ss05_08.pdf. Acesso em: 31 ago. 2014.

LIRA, Bruno Carneiro (obs). **Alfabetizar letrando: uma experiência na pastoral da criança.** São Paulo: Paulinas, 2006.

NASPOLINI, Ana Tereza. **Tijolo por tijolo: prática de ensino de língua portuguesa.** São Paulo: FTD, 2009.

PEREIRA, Wellington. **Crônica a arte do útil e do fútil: ensaio sobre crônica no jornalismo impresso.** Salvador, BA: Calandra, 2004.

PIETRI, Émerson de. **Práticas de leitura e elementos atuação docente.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

ROTH, Désiré Motta; ROSSI, Ariane de Fátima Escobar. Contribuições da análise crítica do gênero notícia de popularização científica para o ensino de língua inglesa. in: WITTKÉ, Cleide Inês (Orga.). **Gêneros Textuais: Perspectivas teóricas e práticas.** Pelotas, RS: Cadernos de Letras. 2012





ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: polifonia e intertextualidade.** Maringá/PR: Eduem, 2000.

ROSSI, Maria Aparecida Garcia Lopes. Gêneros discursivos no ensino de leitura e Produção de Textos. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros Textuais: Reflexões e ensino.** Palmas e União da Vitória/PR: Kaygangue, 2005.

SOLÉ, ISABEL. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artmed. 1998